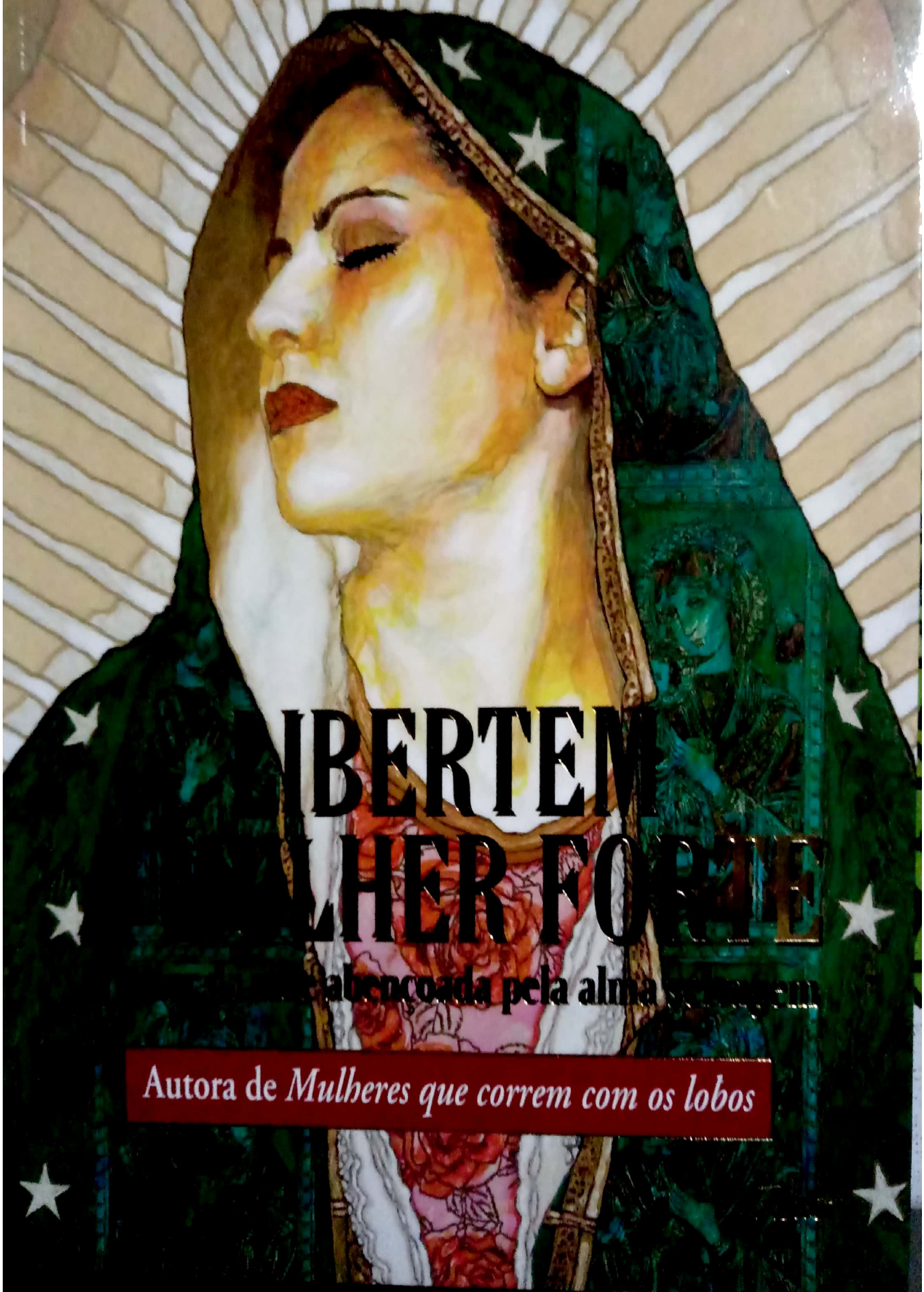


Clarissa Pinkola Estés, PhD



**LIBERTEN
MULHER FORTE**

abençoada pela alma

*Autora de **Mulheres que correm com os lobos***

“Há uma promessa que a Santa Mãe nos faz”,
proclama Clarissa Pinkola Estés, “de que
qualquer alma necessitada de consolação, clareza,
orientação ou força pode clamar por ela, fugir
em busca de sua proteção, e a Mãe Abençoada
chegará imediatamente, com os véus esvoaçando.
Ela nos refugiará por baixo de seu manto e nos
dará o calor de seu toque mais misericordioso,
além de forte orientação sobre como agir pelas
luzes da alma.” *Libertem a mulher forte* é o convite
de Estés a que nos reunamos sob a proteção
da Mãe – apareça-nos ela como Madona, como
Nossa Senhora de Guadalupe, ou qualquer outra
de suas inúmeras aparições. Nesta inesquecível
coleção de histórias, preces e bênçãos, a Dra.
Estés compartilha conosco:

“O bêbado e a Senhora” – uma história de milagres inesperados que surgem da lama e do solo;

“Guadalupe é uma chefe de turma no Paraíso” – um poema de resistência e esperança;

“Ninguém ruim demais, cruel demais ou irrecuperável” – a Mãe feroz que nunca desiste de nós;

“A Veste de Flechas” – um amor que é invencível, não importa quantas vezes sejamos feridos;

“A Madona Negra” – a que se posta na junção entre dois mundos e nos protege quando entramos em lugares escuros.

Por que o rosto de Nossa Senhora aparece nos lugares mais humildes e inesperados? Por que ela irrompe em todas as culturas, por mais duras que sejam as tentativas de reprimi-la? É porque nenhuma prisão consegue restringir o poder de seu amor, nem impedi-la de retornar àqueles que mais precisam dela.



La Madunina, Milão, Itália

Para Paul Marsh, compadre, agente estrangeiro para escribas do mundo inteiro, e a alma em Espírito. Você carregou este manuscrito sobre Nossa Senhora de um lado a outro do mundo, das Montanhas Rochosas nos Estados Unidos a carinhosas mãos que aguardavam numa cidade italiana, à vista dos Alpes num dia de céu limpo.

Uma cidade que muito tempo atrás colocou *La Madunina*, a pequena Madona, no alto de uma flecha de campanário, ela atuando como a força norteadora da cidade.

Grande conhecedor de idiomas, você disse que o nome da cidade, Milão, vinha dos celtas primitivos e do latim antigo *Mediolanum*, que significaria *santuário do centro do coração*.

Consideramos que ali estava um perfeito portal para trazer à luz esta obra.

Aquela frase preferida de Kafka que a maioria dos amantes das línguas conhece de cor:

... ein Buch muß die Axt sein für das gefrorene Meer in uns.

Um livro deve ser um machado para quebrar o mar congelado dentro de nós.

Isso mesmo. A ilustre pequena Madona no alto da Catedral de Milão, contemplando de cima a cidade, está radiante, de mãos abertas, sua auréola estrelada refulge, e ela tem uma lança feroz com a lâmina afiada em Cruz, para fazer exatamente isso por nós, abrir a machadadas o gelo moderno dentro de nós, para que nos libertemos para avançar, das melhores formas consagradas pelo tempo...

todas nós, almas,

que caminhamos ou um dia haveremos de caminhar com

La Nuestra Señora,

A Grande Mulher, a Santa Mãe,

abraçando-a,

qualquer que seja seu nome,

traje,

raça

ou

rosto



Sumário

PRIMEIRAS PALAVRAS

Nossa Grande Mãe Ancestral

Bênção de Abertura: *Totus Tuus*, Eu Te pertença, Mãe Abençoada ... 13

CAPÍTULO 1

Conhecendo a Senhora de vermelho

A primeira vez que vi Teu rosto ... 21

CAPÍTULO 2

Como a Grande Mulher foi apagada: nosso papel em Sua restauração

Libertem a Mulher Forte ... 27

CAPÍTULO 3

Ela é inspiratus para almas que sofrem

O bêbado e a Senhora ... 37

CAPÍTULO 4

Apaixonados por Ela, num amor humilde, indefeso

Guadalupe é uma chefe de turma no Paraíso ... 53

CAPÍTULO 5

Levanta-te! Mesmo depois de um derramamento de sangue,

diz La Conquista, Nossa Senhora dos Conquistados

Massacre dos sonhadores: A Mãe do Maíz ... 61

CAPÍTULO 6

“Veste de flechas.” Ela ensina proteção aos vulneráveis: sem exceções

O Memorare, Lembra! ... 83

CAPÍTULO 7

Os usos do coração partido: Mater Dolorosa curva-se cada vez mais perto
O uso do coração transpassado por sete espadas ... 95

CAPÍTULO 8

Muitos tipos de prisão: A última mulher de pé
"Nossa Senhora Atrás da Parede" ... 97

CAPÍTULO 9

Portando o nome da Mãe
Um homem chamado Maria...155

CAPÍTULO 10

Forjada na fôrnalha acesa
A Madona Negra ... 161

CAPÍTULO 11

Ninguém ruim demais, cruel demais ou irrecuperável
Como "motherfuckers" se tornaram Mães Abençoadas ... 179

CAPÍTULO 12

Sem racismo, sem discriminação, ninguém é um "intocável"
A Grande Mulher nos aparece diariamente ... 209

CAPÍTULO 13

Seus nomes incessantes
Ladainha da Estrada Mãe: Cântico de Seus nomes incandescentes ... 223

CAPÍTULO 14

Mãe Misericordiosa: Restaurando a Alma depois de um trauma
Compaixão pós-aborto:
"Os filhos que ela teve que não teve..." ... 231

CAPÍTULO 15

O laço de Nossa Senhora... para salvar uma Vida
O homem que se afogava ... 255

CAPÍTULO 16

Agarrando-se à Alma
Deus não tem mãos: Consolando Maria, o ritual de *Pêsame* ... 261

CAPÍTULO 17

A Grande Mãe inspira as pequenas mães
As Marias da Mãe África ... 277

CAPÍTULO 18

A rejeição ao Sagrado: Não há lugar para vocês aqui
"Ah, sim, aqui há lugar para vocês também" O ritual de *La Posada* ... 291

CAPÍTULO 19

Carta a jovens místicos que seguem a Santa Mãe
Nossa Senhora de Guadalupe: O caminho do coração partido ... 309

CAPÍTULO 20

Los Inmigrantes, somos todos imigrantes: O inextinguível fogo criativo
Tentaram detê-La na fronteira ... 323

CAPÍTULO 21

Mi Madre, Tu Madre, La Madre de Ella, La Madre de Él, Nuestra Madre:
Minha Mãe, Tua Mãe, Mãe Dela, Mãe Dele, Nossa Mãe
A verdade sobre como é difícil entrar no Paraíso ... 335

CAPÍTULO 22

Zelarei por ti e te mantereí em segurança até que nos vejamos de novo
Bênção de Encerramento: Já te esqueceste? Sou tua Mãe ... 339

CAPÍTULO 23

Belas palavras sobre a Mãe
Algumas formas pelas quais outras almas criativas
compreendem a relação com a Mãe ... 347

CAPÍTULO 24

Amém, Amém, Amém... e uma mulherzinha
A Suprema Oração ... 373

Notas ... 377

Notas ao leitor ... 387

Lista de ilustrações/créditos ... 391

Prece Intercessora e de Gratidão ... 399

Uma biografia não convencional ... 403

REPOUSO DOCE SONO TRANQUILIDADE PAZ AMIGOS ALVIO CORAÇÃO CURA BELOS SONHOS

Totus tuus ego sum, Maria



MÃE ABENÇOADA CORAÇÃO IMACULADO MI MADRE ESPELHO DO PARAÍSO, TORRE DE MARFIM, ARBOL DE LA VIDA,
ESTRELA DO OCEANO, ORA POR MIM, RESTAURA-ME, FORTALECE-ME, CURA-ME... A TI SOU GRATA
PARA SEMPRE, SOU TOTUS TUUS

Ex-voto: "Colcha com a bênção de Nossa Senhora para ter belos sonhos"

nas formas e imagens em que a alma a compreenderia melhor, a perceberia, seria capaz de abraçá-la e de ser abraçada por ela.

Ela usa milhares de nomes, milhares de tons de pele, milhares de trajés, sendo a padroeira de desertos, montanhas, estrelas, rios e oceanos. Se existem na Terra mais de seis bilhões de pessoas, ela portanto chega a nós em literalmente bilhões de imagens. Contudo, no seu centro há apenas um único Coração Imaculado.

Desde que saímos cambaleantes do Nevoeiro, eras atrás, temos o direito irrevogável a essa Grande Mãe. Desde tempos imemoriais, não existe em nenhum lugar uma força feminina de maior compaixão e compreensão para com as estranhezas e amorabilidade das variações fantásticas e indomáveis encontradas nos seres humanos.

Em parte alguma se encontra uma melhor figura exemplar, mestra e mentora do que aquela que é chamada, entre muitos outros nomes verdadeiros, de Trono de Sabedoria.



Aos olhos da Mãe Abençoada, todos são dignos de amor, todas as almas são aceitas, todas têm uma doçura de coração, são belas aos olhos; dignas da consciência, de ser inspiradas, ajudadas, consoladas e protegidas – mesmo que outros meros humanos acreditem tola e cegamente no contrário.

Se, seguindo pelas trilhas abertas nas histórias dos “antigos fiéis”, se depois do antigo Deus Yahweh Jeová, que parecia gastar um tempo absurdo criando e destruindo, a partir daí com um contraste enorme, veio a nós o Deus de Amor – então Nossa Mãe Abençoada é a Mãe Que Deu à Luz o Amor.

Ela é a Mãe que ascendeu inteira, a Mãe que sobreviveu a guerras, conquistas, recrutamentos. A Mãe que foi proscrita, ultrajada, subjugada, arrasada, escondida, apunhalada, despojada, incendiada, plastificada e dispensada.

E ainda assim ela sobreviveu – *em nós e por nós* – não importava quem tivesse levantado a mão contra ela ou tivesse tentado prejudicar seu alcance ilimitado. Ela está inscrita em cada livro sagrado, em cada documento dos mistérios, em cada pergaminho que a descreve como Vento, Fogo, Guerreira, Coração de Ouro, *La que sabe*, Aquela que Sabe e mais.

E o principal: ela está inscrita em nossas próprias almas. Nossos anseios por ela, nosso desejo de conhecê-la, de sermos transformados por ela, de seguir seus costumes de profunda perspicácia, seu jeito de dar abrigo, sua confiança na bondade – essas são a comprovação de que ela existe, de que continua a viver

como uma força imensa, nem sempre invisível, mas palpável, em nosso mundo neste exato momento.

Mesmo quando foi *una desaparecida*, “desaparecida” pela ação de valentões e ditadores ao longo das muitas décadas da chamada Guerra Fria, que na realidade foi um tempo de trevas destinado a destruir a voz da alma por vastos territórios, nós sonhávamos com ela à noite de qualquer modo.

Víamos suas cores e flores, suas rosas, bons-dias, lírios, campainhas, tagetes e outras, surgir ao lado das estradas mais sombrias, apesar de nos dizerem que ela tinha ido embora e que, no fundo, nunca tinha existido.

No caminho, nós a vislumbrávamos através das árvores. Basílicas de Nossa Senhora do Bosque de Bétulas, Nossa Senhora dos Plátanos, Nossa Senhora do Santuário dos Pinheiros, Catedrais de Nossa Senhora das Sequoias. Ela permaneceu conosco, embora fosse proibido pensar nela, até mesmo imaginá-la. Ela estava lá, mesmo assim, pois ela é a Mãe perfeita, que não deixa, que se recusa a deixar, seus filhos para trás.

Mesmo quando seus chalés e arvoredos e vias foram apagados dos mapas, tiveram seus nomes mudados ou encobertos por outros, ela nos apareceu em nossas aflições e momentos de grande perturbação, criando, arrancando alguma coisa teimosa do fundo de nós, ajudando-nos a deixar morrer o que tem de morrer, ajudando-nos a deixar viver o que deve viver.

Ela compartilhará seu alento conosco, quando sentirmos que perdemos o nosso. Ela nos aquecerá quando estivermos com muito frio, e nos refrescará quando estivermos com muito calor – na emoção, no espírito, na mente, na ideação, no desejo, nos julgamentos, na vida criativa da alma. Ela nos manda ser delicados, e também nos manda “Sejam amáveis, mas jamais submissos”.

Tudo o que precisamos fazer é pedir, e ela se apresentará de modo que possamos ver/sentir imediatamente. Ou que talvez tenhamos de nos esforçar para alcançar, apreendendo-a de uma nova forma, não de início totalmente fácil.

Diz-se que São Francisco de Assis corria de uma gruta para outra aos gritos de lamento por ter acabado de perder Deus e já não conseguir encontrá-Lo. Mas Deus disse a Francisco que estivera ali o tempo todo, que Francisco precisava aprender a ver Deus em todas as Suas muitas aparências.



Assim, tudo o que precisamos fazer é chamar com o coração, e ela abrirá caminho através de paredes, por cima da água e por baixo de montanhas para se

manifestar. Tudo o que temos de fazer é *lembrarmo-nos* dela, e ela estará instantaneamente conosco – ensinando, focalizando-nos em sua perspectiva espiritual, escondendo-nos, consolando-nos, ajudando-nos a ver de verdade – como o que em iídiche antigo é chamado de *mensch*, alguém que tem uma sabedoria inata. O que no budismo é denominado *bodhi*, um lugar de sabedoria. O que nós latinos chamamos de *ser humano*, ou seja, o que aprendeu através de provações a se tornar um ser humano de verdade.

Nossa Senhora é a Misericórdia personificada e aparece com facilidade quando vê a alma e o espírito humano de coração partido, ferido, extenuado; e também quando a estrada é longa e o ouro dos carismas e talentos da alma representa um grande peso para a vida criativa, ou quando a vida da família ou do trabalho está emaranhada. Especialmente nessas ocasiões, ela se curva para cuidar da alma necessitada.

Ela aparecerá em nossos pensamentos, nossos sonhos, nossos conhecimentos interiores, nossa súbita conscientização... exatamente com a mais útil roda sobressalente, a alavanca, o vigor espiritual, a linha e a agulha, a trama, a argila, a matéria, a música, a nutrição, o difícil insight, a ideia brilhante, o portal para uma nova atitude, a perfeita palavra necessária de estímulo.

Ela está aqui conosco, sempre esteve aqui conosco, sempre estará aqui conosco, não importa em que “aqui” nós tenhamos penetrado.



Com esta obra, espero torná-la visível para quem ainda não a viu, fazer um convite caloroso para aqueles que se distanciaram dela, ou que se afastaram dela por tempo demais, ajudar a acalmar um pouco aqueles que desejam fossilizar o ser vivo dela, ajudar a curar um pouco aqueles que foram envergonhados por ter afirmado que ela não só existe, mas é central para o seu ser e moldou suas lutas para seguir a vida sagrada de uma forma que nutre profundamente a alma e pode ou não aparecer em público de modo óbvio.

Esta obra foi escrita para permitir que ainda outros que a amam tanto e que estão com ela por toda uma vida, bem como aqueles que têm anseios ainda não identificados pelo Sagrado, saibam que estão no caminho certo – aquele caminho muitas vezes árduo e íngreme de acompanhá-la.

Assim, para todas as almas, estas histórias, preces e imagens aqui incluídas que criei a respeito dela, de seus costumes exemplares, das recomendações que nos faz, de seus hábitos antigos em nossos tempos modernos, destinam-se

a ser janelas abertas com explosivos através das espessas muralhas de concreto que algumas culturas construíram em torno dela, tentando isolá-la, “dar-lhe um sumiço” por meio de aparições apenas devidamente “pré-aprovadas”, permitindo-lhe dizer somente palavras que tenham passado por uma triagem prévia.

Esta obra está, portanto, formada especialmente para permitir que qualquer alma que anseie por ela, que caminhe com ela, que sonhe com ela... saiba que está cercada por companheiros de viagem que não “creem” que ela caminha conosco. A partir de nossos ossos, nós, companheiros de viagem, a *conhecemos* e a *vivenciamos* de frente e lado a lado. Nós somos, juntos, todos nós, os lampejos cintilantes de luz em seu oceano de amor. Nós somos juntos o faiscar de estrelas sem conta no seu manto. Você não está só. Estamos juntos – com ela e dentro dela.



Esta obra segue a tradição em que fui criada e consagrada – a ela, Nossa Mãe Abençoada. Lá na região rural onde todos morávamos, quando eu era criança, fui levada diante do altar numa capelinha do tamanho de uma cozinha. As mulheres idosas da minha família de imigrantes em seus sapatos grandes, estragados, e duas freiras ainda mais idosas, em suas vestes e véus pretos e empoeirados, foram minhas madrinhas.

Sempre tive a suspeita de que nossa consagração à Mãe Abençoada derivava de antigas tradições étnicas das mais encarquilhadas das aldeias na Velha Pátria. Sim, porque consagrar menininhas à Santa Mãe por toda a vida, levando essas meninas de cabelos desgrenhados, que pulavam corda e tinham asas, a fazer votos a Nossa Senhora – votos de Castidade, Obediência e Lealdade por toda a vida, quando estavam com apenas seis anos de idade –, talvez fosse feito em congregações mais assimiladas, mais organizadas e reservadas – não de imigrantes com uma atitude tão resoluta e definida.

Entretanto, fiz meus votos de noiva do Espírito Santo, com toda a seriedade de um coração calmo e luminoso de criança naquela época – e tento cumprir esses votos com o mesmo coração de criança agora – tendo êxito, fracassando, tentando novamente. Como a maioria dos anjos enlameados, preciso me esforçar, não para ser devota de *La Señora*, pois isso é fácil, mas para me lembrar de viver o que se sabe – que inclui sentir o deslumbramento de aprendê-la, vê-la concretamente, ver como ela fala a todos – se eles decidirem

ter um ouvido atento e um coração atento. É enorme minha esperança de que tenham e escutem, e de que eu tenha e escute, *siempre*.

Assim, esforcei-me muito para viver a bela devoção que me foi dada para levar neste vaso de barro tosco e rachado de que sou feita. Neste trabalho espero compartilhar com vocês como foi essa jornada com ela – certas janelas que se abrem para o interior do sagrado – e ajudar a apresentar a Mãe Abençoada àqueles que têm uma vaga ideia dela, mas ainda pouca experiência.

Espero reapresentá-la àqueles que talvez tenham se afastado, mas que procuram o verdadeiro filão principal outra vez, e também àqueles que têm devoções de toda uma vida por ela; espero deliciar, fortalecer e dar mais profundidade a todos.



Que estas palavras despertem, um pouco ou muito, qualquer cantinho não usado do coração, qualquer porção que se sinta sem amigos. Se não for mais nada, a Mãe Abençoada é de fato isto: a amiga máxima de quem não tem amigos.

Desse modo, se me for permitido, eu gostaria, não de “fechar” este capítulo, mas de abrir a porta, abençoando-o. Se quiser receber a bênção, incline só um pouco a cabeça e abra a mão com a palma para cima de qualquer forma que seja confortável, ou ponha a palma aberta sobre o coração, ou ainda sobre qualquer parte de seu corpo ou de sua vida que necessite de força, cuidado, cura. É assim que os antigos fiéis de minhas famílias de imigrantes me ensinaram a receber a graça benéfica da Mãe Abençoada.



BÊNÇÃO DA MÃE ABENÇOADA¹

Esta é minha prece por, para e sobre tua cabeça...

Nós te elevamos para que tua alma seja vista pela Mãe de Misericórdia,
Ela, que espia por vãos, vê através de fendas e nos cantos onde as almas costumam se esconder, em busca de refúgio.

Ela, que é o Coração Imaculado, te vê facilmente,
te acolhe com carinho, se lembra de ti com amor,

pois ela é
Espelho dos Céus,
Torre de Marfim,
Lâmina de Obsidiana,
Estrela das Águas,
Trono de Sabedoria...

Nós te elevamos para que a Mãe Abençoada veja
tudo do que precisas agora,
para produzir bondade e contentamento,
cura e saúde,
compreensão e amor,
– para ti e teus entes queridos –
de todas as formas possíveis.

E, especialmente, que tudo isso te seja dado
do modo mais fácil para que vejas e entendas...

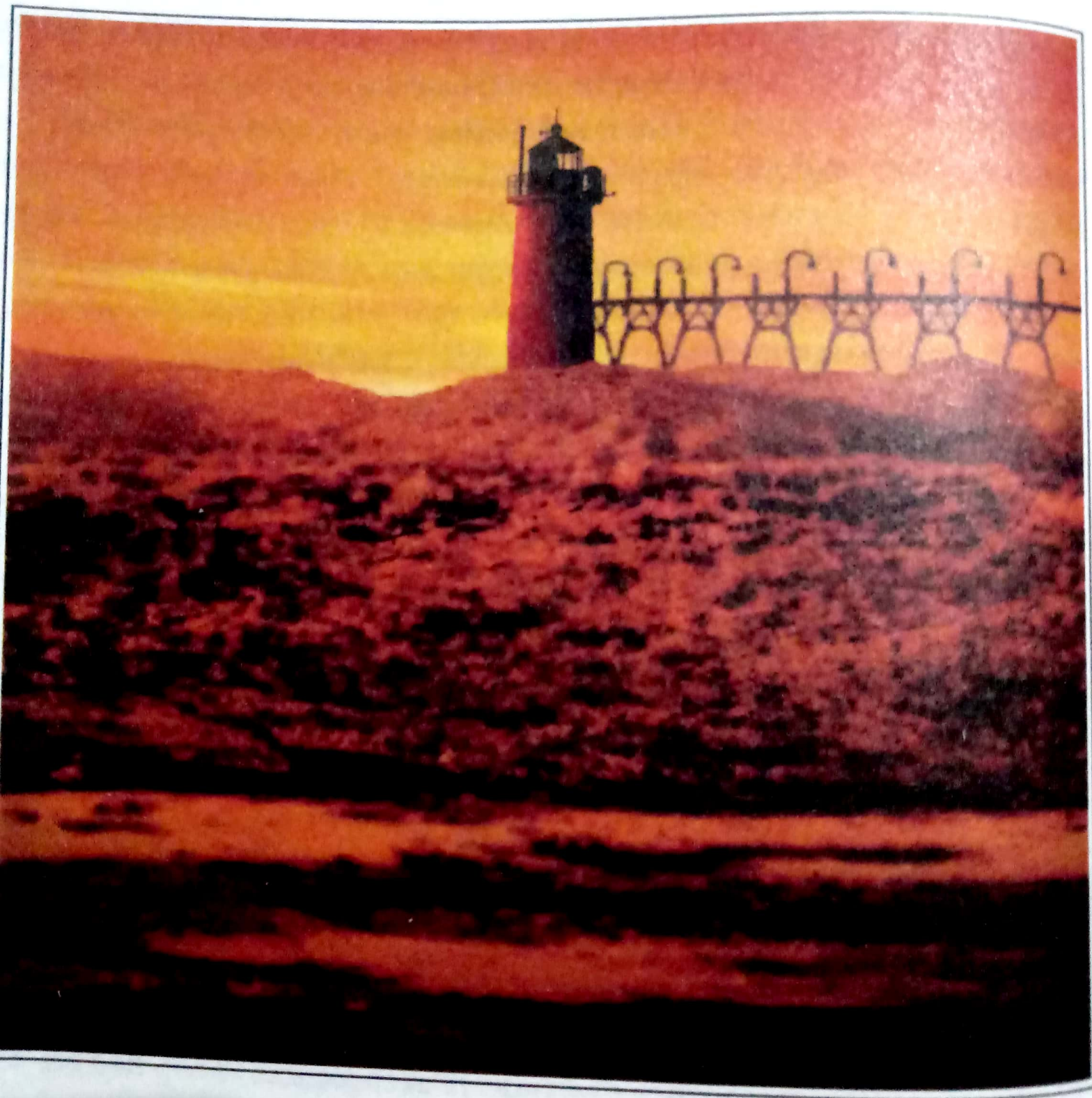
do modo que te permita fazer bom proveito de imediato.

Nós te elevamos porque foste tecido
no ventre de tua mãe terrena por Alguém Maior...
não apenas nascendo já abençoado...
mas também nascendo como uma bênção para todos nós...

Não te esqueças disso,
pois nós não nos esquecemos de ti.
Nem te esquece nunca tua Mãe Maior.

Que avances por este dia adentro,
tanto profundamente abençoado
como abençoando os outros
com a magnitude do amor de Nossa Mãe Sagrada.

Amém
... que na língua antiga quer dizer: Que assim seja.



"O lago da Mulher de Vermelho"

Conhecendo a Senhora de vermelho
A primeira vez que vi Teu rosto

E stávamos indo a um lugar chamado lago. Eu pulava de alegria. Por já não ser tão pequena para andar só com a pele e nada mais, eu, aos quatro anos de idade, tinha de usar roupas estranhas que pini-cavam. Para mim, usar roupas era como estar numa prisão... e meus sapatos nunca faziam a curva direito nos dez lugares em que um pé se curva naturalmente.

Minhas roupas de segunda mão tinham saias que escorriam até os tornozelos, ou então eram apertadas demais no pescoço e nos braços. Era como se eu fosse uma sereia apanhada numa rede que a prendia, a esmagava, a sufocava, a puxava para baixo e deixava fundos vergões vermelhos em torno dos pulsos e dos tornozelos, da cintura e do pescoço.

Mas hoje estávamos no início do inverno, e eu estava com dois pulôveres tricotados à mão, ásperos e folgados; e calças de malha de lã com elásticos que entravam por dentro de minhas botas pretas de borracha – aquelas com five-las prateadas que retiniam e as prendiam em meus pés. Tinham me enfiado num grande casaco marrom que turbilhonava em torno de minhas botas e num chapéu pequeno demais que beliscava com seu elástico meu fino cabelo esvoaçante.

Mas eu estava feliz como só eu, porque nós todos íamos dar um “passeio”, o que significava gastar moedas preciosas em gasolina só para dar a outros o prazer da velocidade num velho carro enferrujado. Dessa vez íamos “correr” para nosso tio poder exibir seu novo carro usado, com quatro pneus descombinados, que

ele tinha ganhado num jogo de pôquer com outros imigrantes em algum sa-guão enfumaçado.

E assim entramos pela estrada que ia até o Grande Lago Michigan, um enorme oceano interior, não muito longe do pequeno povoado de 600 habi-tantes, onde morávamos no que se chamava de caixas, querendo dizer quatro cômodos distribuídos num quadrado pequeno.

No lago, o ar estava ainda mais gelado, quando todos foram saindo do carro. Em instantes, todos pareciam ter passado suco vermelho de cereja nas bochechas e no nariz, o que combinava bem com o faiscar de seus dentes de ouro.

Enquanto os adultos faziam brindes com um líquido amarelo brilhante em copinhos de vidro decorado, todos ali em pé rindo no alto dos penhascos com vista para o pôr do sol no lago, com o vento frio soprando o vapor de suas palavras de uns para os outros – eu, como única criança presente, escapuli, sem que ninguém percebesse.

Desci por três longas escadarias de concreto, segurando-me no corrimão de cano de ferro muito acima de minha cabeça. Um degrau abaixo, depois meu outro pé para o mesmo degrau. E, de novo, um degrau abaixo, meu outro pé vindo para o mesmo degrau – e assim consegui chegar ao pé da escadaria e à praia marrom e molhada.



Essa era a primeira vez que eu via uma grande extensão de água desde que tinha saído do ventre de minha mãe. As ondas no Grande Lago Michigan eram do tamanho de grandes peças de renda vermelha e amarela ao sol do entardecer – elas se precipitavam para a praia, quebrando-se, mas a força da renda tinha vigor suficiente para jogar partes perdidas de navios e troncos de árvores. Tra-zendo esses grandes objetos e atirando-os na praia, para depois com delicadeza puxá-los outra vez, repetidamente.

Sou descendente de avós que faziam renda, com o que pareciam ser cente-nas de bilros e fios pendurados – e, quando vi a renda nas ondas, tive vontade de entrar no lago, onde imaginei que houvesse de algum modo velhas mulheres, velhas mulheres da água, fazendo toda aquela renda vermelha e amarela nas profundezas.

Assim, de peito aberto, corri direto para dentro do lago frio, minhas botas de borracha enchendo-se de água pesada imediatamente. Eu podia sentir que algum espírito na água queria me arrancar as pernas.

Foi então que a vi, a senhora na água, vindo na minha direção. O céu por trás dela, vermelho com o pôr do sol, e uma súbita ave branca do Espírito Santo, cruzando o ar acima de sua cabeça; e uma lua fina já aparecendo no nublado amarelo-rosa do céu. A senhora usava um longo manto vermelho, com muitas, muitas lantejoulas; e na cabeça havia uma linda coroa dourada.

Não sei explicar como tive a sensação de estar vendo um parente perdido havia muito tempo, que eu amava tanto e de quem tinha sentido tanta falta por uma eternidade. Fiquei tão feliz por vê-la que tentei entrar mais na água na sua direção, mas ela gritava para mim. “Não, não! Não venha na minha direção. Vim para correr atrás de você. Dê meia-volta, fuja de mim!”

Ela estava brincando comigo. Agora eu entendia, e me virei antes que a onda seguinte arrebetasse. Corri rindo, com as botas pesadas e tudo o mais, caindo com as palmas para baixo numa água que não tinha fundo, com a água subindo direto pelo meu nariz, mas me levantei, engasgando, tossindo, tentando correr um pouco mais. E corri, quase caindo, voltando para a praia, recuperando o fôlego; estava muito, muito frio ali fora; e o frio queimava por dentro de mim. Mas eu ainda estava rindo, rindo, correndo toda bamboleante e parando para ver se a senhora me alcançava.

Ela estava me alcançando. Ela corria atrás de mim, encurvada, com as mãos estendidas, afofando o ar às minhas costas, como se enxotaria um filhote de ganso.

Corri mais, rindo, rindo, cada vez com mais frio, cambaleando ainda mais, caí na areia, rindo como se estivesse bêbada, consegui com esforço levantar-me de novo; a senhora continuava atrás de mim, perseguindo-me para eu subir nos montes de areia molhada – para longe da água, na direção da longa escada de concreto.



Olhei de relance para o alto e vi meus parentes descer de lado a escada, a galope. Homens de bigode, mulheres com as bolsas balançando como loucas. Antes eu vagamente os tinha ouvido dar berros de “Não! Não!” enquanto pareciam gritar para alguém, do outro lado da arrebetação, mas agora suas vozes entravam em pleno foco, e de algum modo eles estavam gritando e ao mesmo tempo arulhando para mim: “Isso, isso, venha para nós. Venha correndo. Certo, venha para nós.”

Foi então que a vi, a senhora na água, vindo na minha direção. O céu por trás dela, vermelho com o pôr do sol, e uma súbita ave branca do Espírito Santo, cruzando o ar acima de sua cabeça; e uma lua fina já aparecendo no nublado amarelo-rosa do céu. A senhora usava um longo manto vermelho, com muitas, muitas lantejoulas; e na cabeça havia uma linda coroa dourada.

Não sei explicar como tive a sensação de estar vendo um parente perdido havia muito tempo, que eu amava tanto e de quem tinha sentido tanta falta por uma eternidade. Fiquei tão feliz por vê-la que tentei entrar mais na água na sua direção, mas ela gritava para mim. “Não, não! Não venha na minha direção. Vim para correr atrás de você. Dê meia-volta, fuja de mim!”

Ela estava brincando comigo. Agora eu entendia, e me virei antes que a onda seguinte arrebetasse. Corri rindo, com as botas pesadas e tudo o mais, caindo com as palmas para baixo numa água que não tinha fundo, com a água subindo direto pelo meu nariz, mas me levantei, engasgando, tossindo, tentando correr um pouco mais. E corri, quase caindo, voltando para a praia, recuperando o fôlego; estava muito, muito frio ali fora; e o frio queimava por dentro de mim. Mas eu ainda estava rindo, rindo, correndo toda bamboleante e parando para ver se a senhora me alcançava.

Ela estava me alcançando. Ela corria atrás de mim, encurvada, com as mãos estendidas, afofando o ar às minhas costas, como se enxotaria um filhote de ganso.

Corri mais, rindo, rindo, cada vez com mais frio, cambaleando ainda mais, caí na areia, rindo como se estivesse bêbada, consegui com esforço levantar-me de novo; a senhora continuava atrás de mim, perseguindo-me para eu subir nos montes de areia molhada – para longe da água, na direção da longa escada de concreto.



Olhei de relance para o alto e vi meus parentes descer de lado a escada, a galope. Homens de bigode, mulheres com as bolsas balançando como loucas. Antes eu vagamente os tinha ouvido dar berros de “Não! Não!” enquanto pareciam gritar para alguém, do outro lado da arrebetação, mas agora suas vozes entravam em pleno foco, e de algum modo eles estavam gritando e ao mesmo tempo arulhando para mim: “Isso, isso, venha para nós. Venha correndo. Certo, venha para nós.”

Lembro-me de terem me levantado do chão, quando alguém me agarrou pela manga do casaco e pelo braço com tanta força que deixou minha pele dolorida, de um preto arroxeadado. E então alguém bateu em mim. Com força. Por eu ter corrido para dentro da água, disseram.

E eu estava gelada, tremendo e chorando agora. Fui levada escada acima, debaixo dos braços de alguém, como um feixe de lenha, em pranto. Mas eu estendia os braços para o Grande Lago-Mãe Michigan, sem ver por causa das lágrimas, abrindo e fechando os dedos, e gritava “Senhora, senhora...”

Como punição, puseram-me de castigo, jogando-me com grosseria no escuro banco traseiro do carro, sozinha. Tentei abrir a janela pesada para lhes falar, chorosa, sobre a senhora, a bela senhora na água. Logo alguns deles vieram se empilhar no banco traseiro, tiraram minha roupa encharcada e me enrolaram num cobertor escuro com cheiro de óleo de motor.



“Não havia senhora nenhuma”, rosnavam eles. Nenhuma senhora de vermelho. “Senhora nenhuma!”, diziam irritados, em seu inglês de sotaque forte. “Nenhuma senhora de coroa dourada.” Só o velho farol vermelho que sempre tinha estado no lago. Um farol com um mirante com balaustrada no alto. Só parecia uma coroa. Não era coroa nenhuma, nenhuma senhora de vermelho. Parei de tentar contar a eles, porque eles me avisaram que meu castigo seria pior se continuasse a contar histórias.

Mas eu tinha visto a senhora. Eu a tinha visto.

E ela tinha me visto.



Nossa Senhora do Lago-Mãe Michigan



Mãe Abençoada, Mulher de Muitos Rostos, Muitos Nomes:

Eu a conheço como Nossa Santa Mulher Sábia, uma descrição sua quase inaudita. Mas/E nas histórias antigas, você, como Maria idosa, subiu os montes até o templo de Ártemis em Éfeso, onde pregou "ensinando pelo exemplo". Relatam alguns antigos fiéis que, como em Caná, você continuou a participar de sagradas danças tribais.

Hoje, no mês de junho de 2011, dia em que este livro se completou, e depois de quase dois milênios em que os povos de todo o mundo clamaram com dor, foi decretado para o mundo inteiro, por autoridades cristãs, que a partir daqui os missionários cristãos deverão "rejeitar todas as formas de violência... entre elas a violação ou destruição de locais de culto, símbolos ou textos sagrados" pertencentes a outras religiões.

Se for assim, muitos motivos para Aleluias: que entre em vigor para todos os grupos. Todos. Que neste dia todas as espadas sejam transformadas em lâminas de arado... para plantar vida nova em vez de ferir a vida.

Ex-voto: "Santa Mãe Sábia, que Ela seja reconhecida e mostrada em liberdade"

CAPÍTULO 2

Como a Grande Mulher foi apagada: nosso papel em Sua restauração

Libertem a Mulher Forte

Minha avó Katerin dizia que, se você escutasse histórias sobre a Mãe Maria por nove semanas sem interrupção...
Ou se você rezasse o rosário por nove dias direto sem que sua mente divagasse nem uma vez...

Ou se você fosse andando até um dos santuários da Mamãe Marushka no bosque durante nove noites seguidas – sendo nove o número de meses em que a Mãe Abençoada carregou o Cristo vivo antes de dar à luz a Luz do Mundo...

Se você se dispusesse a fazer qualquer uma dessas tarefas, a Mãe Abençoada apareceria diante de você e responderia a qualquer pergunta que você pudesse ter acerca de como viver na Terra na plenitude da sua alma.

Mas minha avó também dizia que havia um atalho.
A necessidade.



Qualquer ser humano necessitado de consolo, clareza, orientação ou força era ouvido pelo Coração Imaculado... e, assim, a Mãe Abençoada chegaria imediatamente com os véus voando, para nos abrigar sob seu manto de proteção, para nos dar aquela única coisa pela qual o mundo tanto anseia: o calor do toque misericordioso da mãe.

Sei que você e eu já vimos muitas imagens de Nossa Senhora, feitas com amor, mas apagando todos os seus traços semíticos; ou seus traços asiáticos,

inuítes, nauas, polinésios, celtas, africanos, das Américas, indígenas, das tribos europeias.

Não acredito que essa visualização de *Nuestra Madre*, Nossa Mãe, tenha tido a intenção de uma única preferência racial. Talvez no início o “branqueamento”, como na antiga poética alquímica, fosse apenas uma tentativa de mostrar que a brancura e a pureza costumam ser vistas como complementares na imaginação ocidental.

Assim, ao longo de séculos, ela foi pintada com a pele clara, cabelos louros ou castanho-claros, frequentemente com olhos azuis, como as princesas nos contos de fadas, que geralmente eram retratadas com uma coloração quase idêntica. Mas na realidade não se trata de uma questão de cor. Trata-se de empalidecê-la de todas as formas, até que ela pareça congelada, anêmica e meio apagada. Nossa Maria, Mary, Mir-yam, Guadalupe, ao longo das eras também veio a ser alvo de comentários em tons cada vez mais abafados:

*Ela é pura, sabe? Reservada.
Como se diz, tão contente, tão delicada,
tão calma, tão passiva, tão submissa.*

No entanto eu devo dizer “Não!” Em vez disso, digo: “Fogo!”
*Fogo de amor
Fogo de esperança
Fogo de paixão
e nós pertencemos a sua linhagem.*

*Espero, com o mais profundo amor,
que você também conheça Maria,
Mary, Mir-yam, Guadalupe
do coração mais indomável, de longas viagens
com um mapa borrado, de fogueiras acesas
no acampamento distante...
que você conheça Nossa Senhora,
que, nas velhas histórias,
quando quase todos os apóstolos fugiram...
ela ficou... e ficou.*

Nenhuma bobinha reservada, essa mulher. Nenhuma nanopartícula de carbono, insignificante, bem-comportada. Nenhuma seguidora de ordens terrenas. Pelo contrário. *Nossa figura exemplar*. Mãe Abençoada, ela, que é renomada por ser a única capaz de usar os lagos de fogo, chamejantes, explosivos, do Sol.

Tenho uma pequena imagem de porcelana de Maria, que alguma boa criatura pintou à mão, com todo o cuidado, numa fábrica de milhares de Marias de porcelana, numa esteira transportadora... com minúsculos arabescos dourados na orla do seu manto. É linda.

Mas a verdadeira Mãe que trago comigo a maior parte do tempo é a mulher dos bosques, *La Nuestra Señora*, Nossa Senhora de Guadalupe, ela, cujo manto é moldado do musgo do lado norte das árvores ao pôr do sol, ela, que tem estilhaços de estrelas presos nos cabelos desgrenhados de prata. Seu vestido é de tecido rústico e macio, com os espinhos e sementes de ervas daninhas e pétalas de rosas silvestres que ficaram presos nele.

Ela tem as mãos sujas de cultivar coisas da terra e da sua labuta diurna e noturna, junto com os trabalhadores, seus filhos e filhas, com os filhos deles, os pais deles, todos.



LA GUADALUPE NÃO É UMA COISA SIMÉTRICA,
COM AS PALMAS ESTENDIDAS DE MODO IGUAL,
PARALISADAS NO TEMPO.

Ela está sempre em movimento.

Se houver emoção, ela está lá.

Se houver comoção, ela está lá.

Se houver exultação, ela está lá.

Impaciência, ela está lá.

Fadiga: Ela está lá.

Medo, inquietação, tristeza,

Beleza, inspiração,

E ela é mesmo reservada, em certo sentido, sim, mas diferentemente daqueles que gostariam de apagar sua essência, tornando-a anêmica. É, ela é reservada, ou seja, ela não permite que a confinem nem a reduzam.

E ela é calma, sim, mas não sem disposição para se levantar repetidas vezes. Pelo contrário, ela é calma, sim, como o poderoso oceano é calmo, enquanto se movimenta em enormes cavas e pináculos, suas ondas imensas como batidas do coração: tranquilas, intencionais, musculosas.

E ela é pura, sim, mas não como se nunca se ensombrecesse, nunca tivesse dúvidas, nunca escolhesse um caminho errado por um tempo; mas pura, sim, como uma pedra preciosa lapidada em cem facetas cintilantes – esse tipo de pura que quer dizer lapidada pelas provações, aventuras e desafios – e no entanto sem um único traço de vidro morto em faceta alguma.

Apesar de todas as provações, rebaixamentos, desprezo, tormentos, ridicularização, a Santa Mãe ainda arde brilhante como o puro fogo.



A HISTÓRIA DOS QUE TENTAM TORNAR OS GIGANTES MINÚSCULOS

Costumo pensar em Guadalupe, Mãe Abençoada, com relação a um romance ilustrado de Jonathan Swift, As viagens de Gulliver. O livro mostrava uma imagem de Gulliver, amarrado ao chão. Gulliver tinha se tornado um quase prisioneiro dos liliputianos, um povo diminuto de somente quinze centímetros de altura. Entre outras coisas, eles criticavam Gulliver por ser, por vários aspectos, “grande demais”.

Por isso, eles o deitaram, amarrando-o em zigue-zague pelas pernas e braços com cordas enroladas em estacas de latão, fincadas em estrados e no chão.

Os liliputianos pequeninos postaram-se no peito de Gulliver, com a sensação de que tinham conseguido amarrar o leviatã, o beemote. Mas Gulliver simplesmente se sentou – e todas as cordas se arrebentaram; e todos os pequenos liliputianos caíram de cima dele, tombando no capim.

O gigante saiu dali trôpego, arrastando atrás de si os fios das cordas. Os liliputianos abanaram a cabeça – como de costume – tentando conseguir entender a figura de Gulliver, que era, na forma, semelhante ao corpo deles – mas, por outros aspectos, era tão diferente deles.

Creio que muitos conseguem compreender esse impulso no sentido de aparar o numinoso, o infinitamente maior, o pouco familiar, o desconhecido, o “outro”, o *diferente*.



O mistério pode ser assoberbante. Tocar a Divindade pode dar a impressão de que todos os átomos que compõem sua mente e corpo de repente foram reorganizados. Pressupõe-se que o mistério divino seja assoberbante mesmo, para derrubar o ego, que tende a usar sua mente mais estreita – na tentativa de criticar e mutilar tudo o que não consegue imaginar ou apreender imediatamente.

Muitas instituições e culturas antigas inadvertidamente trocam seu amor pela vitalidade, inerente ao Divino, por formas calcificadas e mecânicas de ser que “minimizam a magnitude” dos milhares de talentos portados em santidade pela alma criativa. Alguns, tentando magnificar o mínimo, “o homúnculo” – ou seja, a precariedade, a mesquinhez, os egos menos bem formados e menos bem informados dos seres humanos, da política e das questões em geral.

Torna-se então não só nossa vocação, mas nosso voto, nossa promessa sagrada dada desde o primeiro momento em que vimos pela primeira vez a alma ser agredida em qualquer um, por qualquer um – libertar a Mulher Forte – desencadear quaisquer dos seus dons profundos que se derramam continuamente para dentro de nós através de nossa linhagem compartilhada com ela. Aprendemos a estudar suas biografias e, com isso, aprendemos a planejar e encenar nossas próprias versões individualizadas de uma abençoada *Imitatio Maria*¹ neste mundo. Não apenas por ora. Por todos os nossos dias, por todas as pessoas, criaturas e “questões que têm importância”.

Infelizmente, com muita frequência, o único relacionamento que nos foi ensinadolmostradoloferecido para termos com a Mãe Abençoada ou é nenhum – através do silêncio acerca da rica linhagem de sangue que ela tem conosco – ou então é um em que devemos concordar em amarrá-la numa forma pequena e maneável. Isso a diminui: ao transformá-la na “boa menina” sossegada... em falsa oposição a fazer com que aquela outra mulher, a Madalena, seja a “menina ruim”, a menos sossegada.

Essas são distorções das origens e talentos das duas mulheres sagradas. Libertemos as duas, então.

Já ouvi alguns teólogos falar de Nossa Senhora como se ela fosse um acessório a um conjunto de fatos históricos. Ela também não é, como acusam alguns, uma superstição. Ela não é uma construção obediente, feita de cimento, mármore ou tijolos. Ela não há de ser usada como um pedaço de arame sagrado para sujeitar todos nós à docilidade, eliminando as outras milhares de características dadas por Deus a todos nós para sermos belos, razoavelmente humanos e sensíveis.

A Santa Mãe não é para ser uma cerca: a Santa Mãe é um portão.

ELA É ESPECIALISTA EM LIÇÕES DE AMOR QUE FORTALECEM EM VEZ DE ENFRAQUECER

Lembro-me de uma conhecida crítica literária do New York Times ter zombado de um autor que recomendara aos leitores que pedissem conselhos à Santa Mãe. A crítica descartou a sugestão dele como pura tolice.

Nunca estive tão perto de pegar um avião para atravessar o país, investir contra sua mesa de trabalho improvisada e invocar uma praga de sapos para se abater sobre tudo o que fosse dela, como no velho conto de fadas “Um olho, dois olhos, três olhos”² – sempre que a crítica abrisse a boca para falar, daquele dia em diante, cobras, lagartos e sapos saltariam de seus lábios.

É verdade! Eu quase fiquei mais escandalizada com minha própria reação horrenda do que com a rele opinião da crítica sobre fazer súplicas à Mãe Abençoada. Quase.

E no entanto eu entendi Guadalupe dizer dentro do meu coração, naquele exato instante de dor e indignação, alguma coisa semelhante ao que se segue: “Todos são meus, todos me pertencem, quer me conheçam, quer não; quer sejam devotos, quer não.”

E foi isso também, essa generosidade oceânica da Mãe – tão incomum em nossas culturas modernas, que usam interminavelmente a guerra e os termos da morte para quase tudo –, foi isso que transformou a maior parte da **minha** ira numa atitude de compreensão muito mais misericordiosa – em **nome** do autoconhecimento, da paz, da misericórdia pelos outros.



Já ouvi alguns teólogos falar de Nossa Senhora como se ela fosse um acessório a um conjunto de fatos históricos. Ela também não é, como acusam alguns, uma superstição. Ela não é uma construção obediente, feita de cimento, mármore ou tijolos. Ela não há de ser usada como um pedaço de arame sagrado para sujeitar todos nós à docilidade, eliminando as outras milhares de características dadas por Deus a todos nós para sermos belos, razoavelmente humanos e sensíveis.

A Santa Mãe não é para ser uma cerca: a Santa Mãe é um portão.

ELA É ESPECIALISTA EM LIÇÕES DE AMOR QUE FORTALECEM EM VEZ DE ENFRAQUECER

Lembro-me de uma conhecida crítica literária do New York Times ter zombado de um autor que recomendara aos leitores que pedissem conselhos à Santa Mãe. A crítica descartou a sugestão dele como pura tolice.

Nunca estive tão perto de pegar um avião para atravessar o país, investir contra sua mesa de trabalho improvisada e invocar uma praga de sapos para se abater sobre tudo o que fosse dela, como no velho conto de fadas “Um olho, dois olhos, três olhos”² – sempre que a crítica abrisse a boca para falar, daquele dia em diante, cobras, lagartos e sapos saltariam de seus lábios.

É verdade! Eu quase fiquei mais escandalizada com minha própria reação horrenda do que com a reles opinião da crítica sobre fazer súplicas à Mãe Abençoada. Quase.

E no entanto eu entendi Guadalupe dizer dentro do meu coração, naquele exato instante de dor e indignação, alguma coisa semelhante ao que se segue: “Todos são meus, todos me pertencem, quer me conheçam, quer não; quer sejam devotos, quer não.”

E foi isso também, essa generosidade oceânica da Mãe – tão incomum em nossas culturas modernas, que usam interminavelmente a guerra e os termos da morte para quase tudo –, foi isso que transformou a maior parte da minha ira numa atitude de compreensão muito mais misericordiosa – em nome do autoconhecimento, da paz, da misericórdia pelos outros.



Esta é uma das mensagens da Mãe Abençoada: Mesmo quando alguém ataca o que mais importa para nosso coração e alma, não deveríamos deixar passar questões invasivas; mas abordá-las com o coração vivo, vermelho, tranquilo; não com um coração chamuscado, esfarrapado... ou sem coração algum.

É nisso também eu creio: podemos nos permitir a inspiração de desenvolver “a graça de abraçar”, mesmo quando esse abraço não é correspondido. Esse tipo de inteligência às vezes surpreendente pode surgir quando a Mulher Forte é libertada.

ESTAR COM A GRANDE MULHER, VER COM ELA

Quando eu era pequena, sentia que tinha vocação para o sacerdócio. Um sacerdócio que talvez não exista para mim neste mundo, codificado como está.

Com certeza, porém, com os dons que me foram concedidos, minha promessa dada ao Criador consistia e consiste em tentar, tanto quanto eu seja capaz, levar a Santa Mãe e suas obras ao mundo – e, através dela, também as obras de seu Filho precioso –, oferecer tudo isso no interior dos mundos ansiosos, luminosos, criativos e, às vezes, arruinados que tanto necessitam de Amor e Inclusão – para ajudar a lembrar mansamente que todos estamos aqui para caminhar juntos – cada um/cada uma a seu próprio modo individualizado de bondade.

Por isso, levo *mi* Guadalupe a toda parte, a uma criatura, a reuniões, retiros, escolas, à rua e a igrejas, algumas das quais são católicas romanas, mas algumas das quais não o são. Eu a levo àqueles que são generosos o suficiente para me pedir que profira um sermão ou para abrir espaço para que eu cure e abençoe outros com minhas mãos, durante aquele período reservado num templo ou *temenos*, sendo este último um lugar dedicado a um “espaço sagrado” – como num bosque, num quarto de enfermo, num estado meditativo.

Falo sobre o mundo dela, sua vida, seus filhos e filhas; e sempre há pelo menos alguém que diz: “Não ‘acreditamos’ nela.” Ou: “Como você consegue acreditar nisso?”

E eu respondo: “Eu não acredito nela. Eu a conheço. Cara a cara, na pele. *Mi madre*. Ela é minha mãe. *Nuestra Madre*. Nossa Mãe.”

E é muito frequente que me perguntem como uma criatura que mal começa a realmente estar com Nossa Senhora poderia pensar em Maria, *Nuestra Madre Grande*. Eu digo:



COMO COMPREENDÊ-LA, COMO ESTAR JUNTO DELA

Não é necessário localização exótica para captá-la. Ela é encontrada num estilhaço de vidro, num meio-fio quebrado, num coração partido e em qualquer alma conhecedora ou desconhecedora, embora loucamente apaixonada pelos mistérios, pela centelha divina, pelo fogo criador – e não tão apaixonada apenas por desafios mundanos.

Pense nela não das formas que lhe ensinaram/venderam.

Mas sim procure-a com seus próprios olhos
sem vendas e coração sem janelas fechadas.

Olhe para baixo em vez de para o alto.

Olhe direto debaixo de seu nariz.

Ela aparece sob muitas apresentações e aspectos.

Escondida bem à vista.

*E você a conhecerá imediatamente por seu coração
imaculado e indivisível pela humanidade.*

Esta é a Guadalupe de quem creio que você ouviu falar, que você percebe, que quer conhecer ou de quem esteve muito perto há anos. Nossa Senhora é centrada na alegria e reparadora da tristeza, alguém que está presente sob todos os aspectos. E, ao compreendermos desse modo essa força de atração para a Mulher Sagrada, nós realmente libertamos a Mulher Forte.

Aqui, permitam-me, em prece, pedir força para suas mãos e seu coração – inspiração e ousadia – e fogo – para levantar a Grande Mulher e afastá-la de quaisquer liliputianos que a tenham amarrado ao chão, para torná-la mais ma-

Não importa a que dissertação ou redução ela tenha sido amarrada: ela é de longe maior que qualquer mente liliputiana.

*No instante em que pedimos por ela,
em que a vemos, conversamos com ela, a amamos
ela se levanta graciosa,
contra todas as cordas que a prendem,
e elas se soltam,
enquanto as estacas voam em todas as direções.*

*Com muito amor, alguma leveza e, sem dúvida, com um anseio profundo
vamos também sentar-nos juntos,
vamos arrebentar todas as cordas
vamos fazer todas as estacas voar...
libertando-nos ao libertar a Mulher Forte.*



Que assim seja profundamente para você.
Que assim seja para mim, também.
Que assim seja para todos nós, sempre.

